



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO

A GRANDE FALÁCIA

A. De Lannes

A Humanidade tem suas peculiaridades. Uma delas tem sido a tendência de achar a Verdade enfadonha e discutir a Mentira.

Chegamos ao extremo de exigir que a Verdade se prove Verdade e a Mentira seja provada não ser ela, a própria Verdade.

Bastou que Marx afirmasse ser Deus uma invenção do Homem para que todas as provas da sua existência fossem consideradas crendices.

Por outro lado, ao proclamar a supremacia da matéria, Marx lançou as bases de uma nova religião apoiada em um novo Deus, o Carbono, talvez!

Anunciada como ciência, a teoria marxista acabou por criar uma forma bastarda de religião, onde o fanatismo superou todos os outros comportamentos e o Homem se reduziu a simples instrumento de um devir inexorável: a supremacia da matéria.

Lançada como ciência, transformado em pseudo-religião, operacionalizado como tática de tomada do poder e responsável pela principal forma de totalitarismo hoje existente no mundo, o marxismo continua, apesar disso, a servir de bandeira para a "libertação" dos povos, como solução (que iniquidade) para uma causa séria, justa e cristã: a eliminação da miséria material e a elevação da dignidade humana.

Nada neste mundo está mais distante desses objetivos que o marxismo transformado em simples plano terrorista para escravizar e, não, libertar.

O artigo — A GRANDE FALÁCIA — de autoria de Leszek Kolakowski, recentemente publicado na Revista VISÃO representará uma importante contribuição à análise crítica do marxismo que, pela amostra, deve ser bem mais ampla, no livro de onde foi extraído (O FRACASSO), infelizmente não publicado no Brasil.

O marxismo foi a maior falácia do nosso século: um sonho que oferece a perspectiva de uma sociedade de unidade perfeita, na qual todas as aspirações humanas seriam realizadas e todos os valores harmonizados. Inspiravam-se na teoria hegeliana das "contradições do progresso" e na teoria liberal-evolucionista segundo a qual, "em última instância", o curso da história tenderia inevitavelmente para o melhor, e ao crescente domínio do homem sobre a natureza corresponderia uma liberdade cada vez maior. Seu sucesso, em grande parte, explica-se pela combinação de fantasias messiânicas e uma causa social específica e autêntica, a luta da classe trabalhadora européia contra a pobreza e a exploração. Essa combinação foi expressa numa doutrina coerente, com o nome absurdo (tomado de Proudhon) de "socialismo científico" — absurdo, porque os meios para se atingir um fim podem ser científicos, mas não o fim em si. No entanto, o nome refletia mais do que o simples culto à ciência que Marx compartilhava com o resto de sua geração. Expressava a crença, mais de uma vez discutida em termos críticos no decorrer do presente trabalho, de que o conhecimento humano e a prática humana, dirigidos pela vontade, devem coincidir, em última instância, tornando-se inseparáveis, numa unidade perfeita: dessa forma, a escolha dos fins, de fato, se identificaria com os meios cognitivos e práticos utilizados para alcançá-los. A consequência natural dessa confusão foi a idéia de que o sucesso de um determinado movimento social seria a prova de sua autenticidade "científica", ou que quem mostrasse ser o mais forte deveria ter a "ciência" ao seu lado. Essa idéia foi, em grande parte, responsável pelas características anticientíficas e antiintelectuais do marxismo em seu aspecto particular de ideologia do comunismo.

Dizer que o marxismo é uma falácia não significa que não possa ser outra coisa. O marxismo como interpretação da história passada deve ser distinguido do marxismo enquanto ideologia política. Nenhuma pessoa sensata negaria que a doutrina do materialismo histórico representou uma valiosa contribuição ao nosso instrumental intelectual e enriqueceu nossa compreensão do passado. Já foi dito, é claro, que, num sentido estrito, a doutrina marxista é um absurdo e, num sentido mais amplo, um lugar-comum; mas, se se tornou lugar-comum, foi, em grande parte, graças à originalidade de Marx. Além disso, se o marxismo permitiu uma melhor compreensão da economia e da civilização do passado, isto, indubitavelmente, tem a ver com o fato de que Marx, às vezes, enunciava sua teoria de forma radical, dogmática e inaceitável. Se seus princípios tivessem sofrido as restrições e reservas que são comuns ao pensamento racional, sua influência seria muito menor e teriam passado totalmente despercebidos. Da forma como as coisas se passaram, e como frequentemente ocorre nas teorias humanistas, o componente do absurdo contribuiu para transmitir eficientemente seu conteúdo racional. Desse ponto de vista, o papel do marxismo pode ser comparado ao da psicanálise ou ao do behaviorismo nas ciências sociais. Expressando suas teorias de maneira radical, Freud e Watson conseguiram levar problemas reais ao conhecimento geral e abriram campos valiosos para a investigação: provavelmente, não chegariam a tanto se tivessem cercado seus pontos de vista de reservas escrupulosas, privando-os assim de um perfil definido e de sua força polêmica. O enfoque sociológico-aplicado ao estudo da civilização foi por

outros pensadores anteriores a Marx, como Vico, Herder e Montesquieu, ou contemporâneos, porém independentes de Marx, como Michelet, Renan e Taine; mas nenhum deles expressou suas idéias da forma radical, parcial, dogmática que constituiu a força do marxismo.

Conseqüentemente, o legado intelectual de Marx sofreu, em parte, o mesmo destino do legado freudiano. Os seguidores ortodoxos ainda existem, mas são negligenciados como força cultural, enquanto a contribuição do marxismo ao conhecimento humanista, sobretudo às ciências históricas, se tornou um tema geral subjacente, não mais vinculado a qualquer "sistema" que pretende explicar todas as coisas. Hoje, uma pessoa não precisa considerar-se ou ser considerada marxista para, por exemplo, estudar a história da literatura ou da pintura à luz dos conflitos sociais de determinado período; e pode até fazê-lo sem partir do pressuposto de que a história do homem é a história do conflito de classes, ou que diferentes aspectos da civilização não têm uma história própria porque a "verdadeira" história é a história da tecnologia e das "relações de produção", porque é a base que determina a "superestrutura", e assim por diante.

Reconhecer, dentro de certos limites, a validade do materialismo histórico não é a mesma coisa que reconhecer a verdade do marxismo. O materialismo histórico é válido, entre outras razões, porque, desde o começo, o marxismo adotou como um princípio fundamental o fato de que o significado, de um processo histórico somente pode ser entendido quando o passado é interpretado à luz do futuro; ou seja, somente podemos entender o que foi e o que é se tivermos algum conhecimento daquilo que será. O marxismo, e isto é praticamente indiscutível, não seria o marxismo se não reivindicasse o "conhecimento científico" do futuro, e a questão é saber até onde é possível esse conhecimento. Evidentemente, a previsão não é apenas um elemento comum a muitas ciências, mas um elemento inseparável, inclusive, das ações mais corriqueiras, embora não possamos "conhecer" o futuro da mesma forma que conhecemos o passado, pois toda previsão contém certo grau de incerteza. O "futuro" é o que acontecerá no instante seguinte, ou o que acontecerá daqui a 1 milhão de anos; a dificuldade de previsão aumenta, evidentemente, com a distância e a complexidade do problema. Em matéria social, as previsões são particularmente decepcionantes, ainda que envolvam um horizonte de tempo limitado e fatores extrapoláveis, como nos prognósticos demográficos. Em geral, prevemos o futuro extrapolando as tendências existentes, embora conscientes de que tais extrapolações são, sempre e em toda parte, de valor muito limitado, e que nenhuma curva de desenvolvimento, em qualquer campo de investigação, se estende indefinidamente de acordo com a mesma equação. Prognósticos numa escala global e sem limitação de tempo não passam de falácias, quer a perspectiva que oferecem seja boa ou má. Não existem meios racionais de prever o "futuro da humanidade", num horizonte de tempo mais amplo, ou de predizer a natureza das "formações sociais" em épocas futuras. A suposição de que tais previsões possam ser feitas "cientificamente" e que, se não for assim, não poderemos sequer compreender o passado, faz parte da teoria marxista das "formações sociais"; é aliás uma das razões pelas quais essa teoria é uma falácia, embora eficiente do ponto de vista político.

A influência que o marxismo conseguiu exercer, longe de constituir o resultado ou a evidência de seu caráter científico, decorre quase inteiramente de seus elementos proféticos, fantásticos e irracionais.

O marxismo é doutrina baseada na confiança cega da existência de um paraíso capaz de propiciar satisfação universal que nos aguarda na próxima esquina. Quase todas as profecias de Marx e de seus seguidores já se revelaram falsas, mas isto não perturba a certeza espiritual dos fiéis, mais do que a perturbaram as seitas quiliastas (milenaristas): pois é uma certeza baseada não em premissas empíricas ou supostas "leis históricas", mas simplesmente na necessidade psicológica de uma certeza. Nesse sentido, o marxismo exerce a função de uma religião e sua eficiência tem caráter religioso. Trata-se, porém de uma caricatura, de uma falsificação da religião, pois apresenta sua escatologia temporal como um sistema científico, ao contrário das mitologias religiosas.

Discutimos a questão da continuidade entre o marxismo e sua representação no comunismo, ou seja, a ideologia e a prática leninista-stalinista; por outro lado, o comunismo não constitui mera "degenerescência" do marxismo, mas uma possível interpretação dessa doutrina, até mesmo muito bem fundamentada, embora primitiva e parcial em certos aspectos. O marxismo associou valores que se mostravam incompatíveis por razões empíricas, embora não por motivos lógicos, de maneira que alguns puderam ser realizados às custas de outros. Mas o próprio Marx declarou que todo o conceito de marxismo poderia resumir-se numa única fórmula — a abolição da propriedade privada; que o Estado do futuro deve assumir a gerência centralizada dos meios de produção e que a abolição do capital significa a abolição do trabalho assalariado. Daí não ser totalmente ilógico deduzir que a expropriação da burguesia e a nacionalização da indústria e da agricultura permitiriam a emancipação geral da humanidade. No caso, com a nacionalização dos meios de produção, viu-se que era possível levantar sobre tais alicerces um monstruoso edifício de mentiras, exploração e opressão. Esta não foi, em si, uma consequência do marxismo; ao contrário, o comunismo foi uma versão abastardada do ideal socialista, cujo surgimento se tornou possível por uma série de circunstâncias e de casos históricos, entre os quais a ideologia marxista.

Não se pode dizer, porém, que o marxismo tenha sido "falsificado" em sua essência. Os argumentos hoje aduzidos para mostrar que "não era isto que Marx pretendia" são estéreis, quer do ponto de vista intelectual, quer do ponto de vista prático. As intenções de Marx não são o fator decisivo para uma avaliação histórica do marxismo e existem argumentos mais importantes em defesa da liberdade e dos valores democráticos do que o fato de que Marx, numa análise mais cuidadosa, não se mostra tão hostil àqueles valores como poderia parecer à primeira vista.

Marx assumiu o ideal romântico da unidade social e o comunismo o pôs em prática da única maneira viável numa sociedade industrial, ou seja, com adoção de um sistema despótico de governo. A origem desse sonho encontra-se na imagem idealizada da cidade-estado grega, popularizada por Winckelmann e outros escritores do século XVIII e posteriormente desenvolvida pelos filósofos alemães. Marx parece

ter imaginado que, uma vez suprimidos os capitalistas, o mundo poderia tornar-se uma espécie de *àgora* ateniense: bastava proibir a propriedade privada das máquinas ou da terra e, como por um toque de magia, os seres humanos deixariam de ser egoístas e seus interesses passariam a se harmonizar. O marxismo não dá nenhuma explicação dos fundamentos dessa profecia, ou das razões que permitem pensar que os interesses humanos deixariam de entrar em conflito assim que os meios de produção passassem a ser propriedade do Estado.

Além disso, Marx combinou seus sonhos românticos com a expectativa socialista de que todas as necessidades seriam plenamente satisfeitas no novo paraíso terrestre. Os primeiros socialistas parecem ter interpretado o *slogan* "a cada um segundo suas necessidades" no sentido literal: eles entenderam que as pessoas não deveriam mais sofrer o frio e a fome ou lutar contra as privações. No entanto, Marx — como muitos marxistas depois dele — imaginou que, com o socialismo, todas as privações acabariam. E foi possível alimentar essa esperança adotando uma atitude ultra-otimista que fazia esperar que todas as necessidades seriam atendidas, como se todo homem tivesse um anel mágico ou um gênio à sua disposição. Como isso não podia ser levado a sério, os marxistas que estudavam o problema respaldando-se nas obras de Marx decidiram que o comunismo garantiria a satisfação das necessidades "verdadeiras" ou "autênticas" em consonância com a natureza humana, e não a satisfação de caprichos ou desejos de qualquer espécie. Mas, isto deu origem a um problema que ninguém ainda esclareceu totalmente: a quem cabe decidir quais são as necessidades "autênticas", e com base em que critérios? Se cada um tiver que decidir por si, então todas as necessidades serão igualmente autênticas, desde que realmente, subjetivamente sentidas, sem distinção. Se, por outro lado, é o Estado quem decide, a maior conquista da história se resumirá a um sistema de raciocínio universal.

Atualmente, é óbvio para todos, com exceção de alguns adolescentes da Nova Esquerda, que o socialismo não tem condições de "atender a todas as necessidades", mas só pode visar a uma justa distribuição de recursos insuficientes — o que ainda não define o que seja "justo" nem esclarece como definir quais os mecanismos sociais que permitirão realizar o objetivo em cada caso particular. A idéia da perfeita igualdade, ou seja, da participação de todos em todos os bens, não apenas é economicamente inviável como contraditória em si: a igualdade perfeita só pode ser imaginada num sistema de extremo despotismo, mas o despotismo em si pressupõe a desigualdade, ao menos quanto a algumas vantagens básicas, como a participação no poder e o acesso à informação. Pela mesma razão, os "gauchistas" contemporâneos estão em posição insustentável quando exigem mais igualdade e menos governo: na vida real, mais igualdade significa mais governo, e igualdade absoluta significa governo absoluto.

Se o socialismo quer ser algo mais do que uma prisão totalitária, só poderá ser um sistema de compromissos entre diferentes valores que se limitam reciprocamente. Um planejamento econômico totalmente abrangente, ainda que viável do ponto de vista prático — e quase todos concordam que não é viável —, é incompatível com a autonomia dos pequenos produtores e as unidades regionais, e esta auto-

nomia é um valor tradicional do socialismo, embora não o seja no caso do socialismo marxista. O progresso técnico não pode coexistir com a garantia absoluta de condições de vida para cada um. É inevitável o surgimento de conflitos entre a liberdade e a igualdade, o planejamento é a autonomia dos pequenos grupos, a democracia econômica e a administração eficiente, e estes conflitos só podem ser atenuados pelo compromisso e por soluções parciais.

Nos países industrializados desenvolvidos, para aplainar as desigualdades e garantir um mínimo de segurança (tributação progressiva, serviços de saúde, salário-desemprego, controles de preços, etc.), foram criadas as instituições sociais posteriormente estendidas a todos ao preço de uma burocracia estatal amplamente difundida, e ninguém pode sugerir como evitar que se pague tal preço.

Questões como essa pouco têm a ver com o marxismo, e a doutrina de Marx praticamente não contribui para a sua solução. A crença apocalíptica na consumação da história, a inelutabilidade do socialismo e a seqüência natural de "formações sociais", a "ditadura do proletariado", a exaltação da violência, a fé na eficácia automática da estatização da indústria, a fantasiosa idéia de uma sociedade sem conflitos e uma economia que exclui o uso do dinheiro — tudo isso nada tem em comum com o conceito de socialismo democrático. O objetivo deste último é criar instituições capazes de reduzir gradativamente a subordinação da produção ao lucro, acabar com a pobreza, diminuir a desigualdade, remover as barreiras sociais à oportunidade de educação e minimizar a ameaça que a burocracia estatal representa para as liberdades democráticas e as seduções do totalitarismo. Todos esses esforços e tentativas estão fadadas a fracassar, a não ser que estejam firmemente arraigados no valor da liberdade — o que os marxistas estigmatizam como liberdade "negativa", ou seja, a área de decisão que a sociedade concede ao indivíduo. E isso ocorre apenas porque a liberdade é um valor intrínseco que não exige qualquer justificativa além de si própria, mas também porque, sem ela, as sociedades não podem ser reformadas: os sistemas despóticos, que não possuem tal mecanismo auto-regulador, somente podem corrigir seus erros depois que estes já levaram ao desastre.

O marxismo permaneceu congelado e imobilizado durante décadas como superestrutura ideológica de um movimento político totalitário, e, conseqüentemente, perdeu contato com o progresso intelectual e as realidades sociais. A esperança de que isso pudesse ser revivido e frutificasse mais uma vez revelou-se logo ilusória. O marxismo está morto como "sistema" explanatório e não oferece nenhum "método" eficiente para interpretar a vida moderna, prever o futuro ou cultivar projeções utópicas. A literatura marxista contemporânea, embora abundante em termos de quantidade, tem uma deprimente aparência de esterilidade e impotência, na medida em que não é puramente histórica.

A eficácia do marxismo como instrumento de mobilização política é tema completamente diferente. Como vimos, sua terminologia é utilizada para defender os mais variados interesses políticos. Nos países comunistas da Europa, em que o marxismo é a legitimação oficial dos regimes existentes, perdeu praticamente toda capacidade de persuasão, enquanto na China foi deturpado a ponto de se tornar irreconhecível. Nos países em que o comunismo está no poder, a classe dominante